

Importante passo para relações melhores

● Opinião dos leitores

O Acordo de Não-Agressão entre Moçambique e a República da África do Sul, assinado hoje na fronteira comum, pelos Presidente Samora Machel e o Primeiro-Ministro Pieter W. Botha, tem despertado um sentimento de apoio e confiança entre os cidadãos nacionais e estrangeiros, dos quais colhemos algumas opiniões.

Outros, preferiram fornecer depoimentos que publicamos na íntegra, destacando-se de todos, a ideia de que as conversações trarão a possibilidade de instauração da estabilidade e entendimento, factores imperativos para o desenvolvimento económico. Todos os depoentes porém, foram unânimes em advertir para a necessidade do reforço da vigilância e da implementação do Acordo.

Texto de Hilário Matusse ● Fotos de Francisco Muria

Para Elias Salvador Chissano, trabalhador do CPD, Centro de Processamento de Dados Estatísticos, as conversações levadas a cabo com o Governo da África do Sul são uma vitória da diplomacia moçambicana. Segundo ele, a assinatura de um Acordo de Não-Agressão trará grandes benefícios não só para Moçambique mas também para a África Austral.

O nosso interlocutor exprimiu «profunda satisfação pela assinatura do Acordo», enfatizando porém que o maior sucesso será o respeito e o empenho na concretização do seu espírito.

Maurício Nchumali, trabalhador do MEC, disse a este propósito que os bandidos armados vão deixar de ter o seu comando e todo um apoio logístico que a África do Sul lhes prestava. Contudo, fez notar que nem por isso se deve esquecer a vigilância e o refor-

ço da capacidade defensiva do País.

Nesta altura em que os bandidos armados se vêem sujeitos a viver apenas de si, procurarão criar maior instabilidade, come-



Hélder Xavier:
«As conversações
vão trazer
tranquilidade»



«A paz e a estabilidade
interessam a toda
a África Austral»
Maurício Nchumali



Anífa Mussá:
«Gostaria que
com o Acordo,
terminassem
as agressões»

tendo crimes cada vez mais hediondos.

Comentando ainda este acontecimento, Maurício Nchumali disse ser histórico, pois, ao longo de toda a vida conheci a África do Sul a apoiar a presença colonial portuguesa em Moçambique, e, depois da Independência, como agressora e motivadora da instabilidade no nosso País. Mais adiante sublinhou: Com o Acordo poderemos viver num clima de tranquilidade e paz.

No Salão «Capricho», sito na Avenida 24 de Julho, em Maputo, colhemos uma opinião favorável e de agrado em relação ao Acordo de Não-Agressão com a República sul-africana. Anífa Mussá, cabeleireira naquele estabelecimento mostrou-se contente e disse: Na minha opinião, a boa vizinhança é uma necessidade entre os Homens e países.

Acrescentou depois que espera este Acordo vir permitir o resta-



A esquerda:
Isadora Dias:
«Acho que não é um
retrocesso à política
moçambicana...»

Ao lado:
«Quando vi
o Comunicado
no jornal fiquei
muito satisfeito»
Roberto Calane,
da Mercearia Princesa

belecimento da Paz e tranquilidade na região austral de África, e na República Popular de Moçambique em particular. Fez notar que o que o nosso País precisa é de produzir para comermos e para desenvolvermos a economia. Isso — continuou — só é possível se houver Paz e colaboração.

Insistindo nesta ideia, Anífa Mussá enfatizou que o combate aos bandidos armados deverá prosseguir ainda com mais vigor, exactamente para que possamos produzir.

Uma questão a que muitos dos nossos entrevistados evitaram responder foi a dos factores que conduziram a este consenso.

Sobre este assunto Hélder Xavier disse que entendendo haverem muitos factores dentre os quais, o da própria África do Sul necessitar de Paz e de afastar o perigo da Guerra. Há também as pressões exercidas pelas potências ocidentais, devido aos investimentos originários desses países e à imagem da África do Sul no Mundo.

Hélder Xavier, trabalhador do BM, delegação da Polana, afirmou ainda que, a manter-se a situação de conflitos e o perigo de eclosão de uma guerra na África do Sul, os interesses económicos dos países ocidentais estariam em risco, o que afectaria a própria economia sul-africana.

Víctor Matimbe, outro trabalhador do MEC, falava de vantagens mútuas para os dois países, apontando a crise económica de que a própria África do Sul se ressentia, como um motivo para desejar a Paz.

OPINIÃO DE UM ESTRANGEIRO

Uma cidadã brasileira funcionária do Ministério da Agricultura no nosso País, opinou que eu acho que as conversações e consequente Acordo são necessários.

Salientou que não é nenhum retrocesso nem desvio da política moçambicana, desde que, no Acordo, os princípios de Moçambique e as regras internacionais sejam respeitados.

Mais adiante acrescentou que essas conversações surgiram provavelmente por uma necessidade não só económica, mas de Paz. O que vai decorrer daí é o mais importante, acentuou.

Actualmente a trabalhar na preparação de um grupo de teatro de fantoches para os diferentes distritos urbanos da cidade de Maputo, Isadora Dias sugere que é necessário um trabalho de informação e formação, para as pessoas entenderem o sentido e o que devem fazer.

Nós também — esclareceu — temos uma peça teatral de fantoches em preparação para passar informações nos distritos sobre o Acordo com a RAS.

Referiu-se depois à atenção que pensa ser devida aos que não sabem ler, no sentido de também se informarem sobre o assunto.

Explicou ainda que aquele curso tinha sido uma iniciativa do Partido, e que neste momento as peças em preparação têm em vista também este intuito de informar e formar as pessoas.

□